



## CARLOS AUGUSTO DE FIGUEIREDO MONTEIRO, AMIGO, PROFESSOR E GRANDE MESTRE DA GEOGRAFIA BRASILEIRA

Neyde Maria Santos Gonçalves<sup>1</sup>

**Resumo:** O texto em questão fala de algumas memórias e alguns conceitos e teorias que marcaram a obra do professor Monteiro, no contexto da Geografia brasileira, notadamente na climatologia geográfica, em especial na climatologia urbana e sua influência na vida profissional da autora. Aborda, também, as incursões do mestre não só na epistemologia da Geografia, bem como, nos anos mais recentes, a sua preocupação em relacionar a Geografia e a criação literária em nosso país. A autora conclui, expressando sua gratidão e afeto ao querido professor, bem como de todos os seus amigos e alunos.

**Palavras-chave:** Geografia. Climatologia. Memórias. Gratidão.

## CARLOS AUGUSTO DE FIGUEIREDO MONTEIRO, FRIEND AND ESTEEMED MASTER OF BRAZILIAN GEOGRAPHY

**Abstract:** This text reflects on cherished memories and explores key concepts and theories that shaped Professor Monteiro's work within the realm of Brazilian Geography. It highlights his notable contributions to geographical climatology, particularly urban climatology, and their influence on the author's professional journey. Additionally, it delves into the professor's forays beyond the epistemology of Geography, including, in more recent years, his thoughtful efforts to bridge Geography with literary creation in our country. This author concludes by expressing deep gratitude and affection for the beloved professor, sentiments shared by his many friends and students.

**Keywords:** Geography. Climatology. Memories. Gratitude.

## CARLOS AUGUSTO DE FIGUEIREDO MONTEIRO, AMIGO Y ESTIMADO MAESTRO DE LA GEOGRAFÍA BRASILEÑA

**Resumen:** Este texto reflexiona sobre entrañables recuerdos y explora conceptos y teorías fundamentales que definieron la obra del Profesor Monteiro en el ámbito de la Geografía Brasileña. Destaca sus notables aportes a la climatología geográfica, especialmente a la climatología urbana, y su impacto en la trayectoria profesional de la autora. Además, aborda las incursiones del profesor más allá de la epistemología de la Geografía, incluyendo, en años recientes, su interés por conectar la Geografía con la creación literaria en nuestro país. Esta autora concluye expresando su profunda gratitud y afecto hacia el querido profesor, sentimientos compartidos por sus numerosos amigos y alumnos.

**Palabras clave:** Geografía. Climatología. Recuerdos. Gratitud.

<sup>1</sup> Universidade Federal da Bahia, Departamento de Geografia, Salvador, Brasil, [neydemaria@yahoo.com.br](mailto:neydemaria@yahoo.com.br)

Entre seres humanos, não existem despedidas, apenas encontros. As pessoas seguem, mas quem fez parte de nossa história permanece sempre em nossas mentes e em nossos corações.

Que o encontro, hoje iniciado, com nosso querido amigo e geógrafo, Prof. Dr. Carlos Augusto de Figueiredo Monteiro (*in memoriam*), fale, sobretudo, do reconhecimento de sua fecunda obra, com votos de que ela seja cada vez mais compreendida e valorizada pela comunidade geográfica, particularmente pelos jovens geógrafos que atuam ou que pretendem ingressar na academia e contribuir para o desenvolvimento teórico-metodológico de nossa disciplina no decorrer deste século. É um privilégio e uma honra estar aqui neste momento em que o Departamento de Geociências da Universidade Federal de Santa Catarina, na edição especial da 42<sup>a</sup> (quadragésima segunda) Semana de Geografia (SEMAGEO), se reúne para homenagear o querido professor.

Meus agradecimentos à professora e amiga Maria Adélia Aparecida de Souza, ao professor Fernando Mesquita e demais membros da Comissão Organizadora deste evento, pela acolhida e gentileza, dando-me a oportunidade de conhecer e partilhar um pouco do espaço desta Universidade, onde o professor Carlos Augusto iniciou sua vida acadêmica profissional e a concluiu, após sua aposentadoria na Universidade de São Paulo, como tinha planejado.

Deveria ou poderia, como de praxe nos eventos acadêmicos, fazer uma apreciação ou uma análise de sua obra, o que não é fácil, devido à profundidade e ao rigor científico que a caracterizam, e muitos já o fizeram.

Demorei, então, a entender qual seria o sentido de meu testemunho, afastada que já estou da academia há algum tempo, onde, com certeza, teria a presença daqueles que lhe foram mais próximos, por conviverem mais de perto com o mestre, compartilhando e realizando análises consistentes de sua obra e de sua caminhada, ou expressando emoções e características pessoais de nosso homenageado.

Assim, meu testemunho, neste encontro, não é outro senão o de partilhar um pouco de minha vivência como ex-aluna do querido professor, não estendendo, mais do que o necessário, minha contribuição do ponto de vista pessoal. Limitar-me-ei,

então, a focalizar alguns aspectos e conceitos que foram importantes para meu desempenho profissional e para a minha maneira de pensar a geografia.

Tive o privilégio de ser sua aluna em três fases de minha vida.

A primeira ocorreu na graduação, em cursos de férias promovidos pela Universidade Católica de Salvador (UCSAL), que proporcionava a vinda de professores da USP para complementar nossos estudos. Esses cursos me propiciaram a oportunidade de conhecê-lo, entre outros, adentrando-me no conhecimento da climatologia dinâmica, seus fundamentos e sua aplicação ao Brasil.

A segunda fase de meu contato com o querido Professor Carlos Augusto se realizou ao me tornar docente da UFBA, quando busquei apoio na leitura e no estudo de seus trabalhos, como bases para meu desempenho didático na área da geografia física e, particularmente, na climatologia. Foram fundamentais, para minha formação, seus artigos publicados nas revistas do Instituto Pan-Americano de Geografia e História (IPGH) e do IBGE, bem como sua tese de doutorado – *A Frente Polar Atlântica e as chuvas de inverno na fachada oriental do Brasil*. Essa última se tornou o fundamento teórico-metodológico da climatologia geográfica no Brasil, ao implementar o paradigma da análise rítmica, como base para as pesquisas que se desenvolveram e vêm se desenvolvendo sobre a temática há quase meio século.

Posteriormente, tive a oportunidade de realizar um estágio no Laboratório de Climatologia do Instituto de Geografia da USP, sob sua direção, onde pude compartilhar das reuniões com seus orientandos e frequentar suas aulas de Fisiologia da Paisagem e Climatologia Urbana. Essa disciplina, oferecida pela primeira vez naquele segundo semestre de 1971, não só atraiu o interesse e a frequência de arquitetos, face à importância de seu conteúdo, como serviu de subsídio para uma nova linha de pesquisa sob sua orientação.

A terceira oportunidade de conhecê-lo foi como sua orientanda no doutorado em Geografia da USP. O referencial teórico por mim utilizado apoiou-se na sua tese de Livre Docência, *Teoria e Clima Urbano*, editada em 1976. O clima urbano, na sua concepção, é considerado um dos componentes da qualidade ambiental, e seu estudo é direcionado para canais dirigidos à percepção sensorial e comportamental do

habitante da cidade: os canais do *conforto térmico*, da *qualidade do ar* e do *impacto meteórico*. Trabalhei, assim, com o canal do *impacto meteórico*, analisando os impactos pluviais e a desorganização do espaço urbano em Salvador (Bahia).

Sua aposentadoria na USP, em 1987, e sua permanência aqui, em Florianópolis, além de problemas familiares que me afetaram, àquela época, levaram-me a concluir minha tese, por sua indicação, com o prof. José Bueno Conti, a quem sou agradecida.

Não poderia deixar de registrar, aqui, uma característica singular do nosso querido professor: a preocupação que sempre teve em documentar fatos de sua vida acadêmica fazendo, sistematicamente, relatórios anuais, visando a uma autorreflexão sobre os trabalhos realizados.

Outra qualidade, expressa em muitos dos seus trabalhos e que marcava todas as suas atividades didáticas e de pesquisa, era o uso de esquemas, desenhos, mapas, blocos diagramas, sempre elaborados com muita perfeição.

Como pesquisador, tinha a capacidade de fazer avaliação, revisão e autocrítica de seus trabalhos, explicitando os caminhos percorridos, as dificuldades encontradas e as possíveis soluções para estabelecer e consolidar suas propostas. Isso pode ser constado em algumas de suas obras:

- ✓ Em *Clima e excepcionalismo* (UFSC, 1991), faz um balanço autocrítico de sua produção na pesquisa climatológica no Brasil, ao tempo em que apresenta novas possibilidades para incrementar pesquisas futuras.
- ✓ Em *O estudo geográfico do clima* (UFSC, 1999), expõe claramente sua trajetória, por várias décadas, para conceituar o clima como fenômeno geográfico.

Como geógrafo, sempre explicou e defendeu a unidade da Geografia, sem a dicotomia entre geografia física e geografia humana, o que deixa bem claro na avaliação de dois trabalhos realizados na região Nordeste. No primeiro, realizado na região do Baixo S. Francisco (Penedo, reunião da AGB, 1962), afirma:

O que para mim constitui o cerne, o âmago, o legítimo objeto da Geografia é a relação Homem-Natureza. (*Geografia Sempre*. Ed. Territorial, Campinas, 2008, p. 69).

O segundo trabalho em que rejeita essa dicotomia foi desenvolvido no Planalto Sertanejo Nordestino, com um resultado amplamente satisfatório de um quadro geossistêmico (Tsukuba – Japão, 1988). Nele, avalia:

...é um trabalho em que, estimo eu, está exibida a minha “profissão de fé” geográfica. Cultivo uma Geografia que não merece rótulos nem de “física” nem de “humana”. Simplesmente Geografia”. (*A Geografia neste agora e num certo outrora*. UFC, Florianópolis, 2020, p. 215).

Essa declaração confirma sua concepção de geossistemas, quando afirma que ...o Geossistema e sua análise é uma tentativa de melhoria da investigação em Geografia Física. Fica muito claro que a modelização dos Geossistemas à base de sua dinâmica espontânea e antropogênica e do regime natural a elas correspondente visa, acima de tudo, promover uma maior integração entre o natural e o humano. (*Geossistemas – a história de uma procura*. São Paulo, Contexto, 2000, p. 47).

Não poderia deixar de registrar, aqui, as relações afetuosas que o professor Carlos Augusto sempre manteve com seus amigos da Bahia, sempre atendendo a nossas solicitações na medida de suas disponibilidades. Assim, entre os anos de 1975 e 1987, dedicou parte do seu tempo a nosso Estado, ministrando cursos no Departamento de Geografia da UFBA e assessorando ou coordenando trabalhos de relevância na Secretaria de Planejamento, Ciência e Tecnologia, publicados e amplamente divulgados: *A compatibilização dos usos do solo e a qualidade ambiental na Região Central da Bahia*, o *Atlas Climatológico do Estado da Bahia e Qualidade Ambiental do Recôncavo e Regiões Limítrofes*.

Nessa época, também, foi importante a realização de uma reunião do Grupo de Trabalho Climatologia Tropical e Assentamentos Humanos da União Geográfica Internacional (UGI), sob sua coordenação e com o patrocínio da UFBA, oportunizando a vinda de vários professores e pesquisadores do Japão, da África e das Américas.

Assim, a leitura e o estudo de seus trabalhos sempre fizeram parte de minha vida acadêmica e deles herdei a compreensão da “unidade” da Geografia sem a dicotomia “física” e “humana” que ainda hoje a acompanha.

Isso fica bem claro ao longo de toda sua obra e, mais recentemente, nas reflexões que fez (uma autocrítica avaliativa como ele diz) em dois dos seus livros mais recentes, verdadeiros presentes com que nos brinda o professor Carlos Augusto:

- ✓ *Geografia Sempre – O homem e seus mundos*. Campinas: Ed. Territorial, 2008.
- ✓ *A Geografia neste agora e num certo outrora*. Florianópolis: UFSC, 2020.

Nos anos mais recentes, o professor Carlos Augusto voltou o seu interesse para a geografia cultural, sobretudo na linha humanística, em especial na obra de Guimarães Rosa, de quem era grande admirador, buscando extrair-lhe o conteúdo geográfico. Nesse contexto, a coletânea *O mapa e a trama: ensaios sobre o conteúdo geográfico em criações românticas*, editada pela UFSC, em 2002, apresenta uma série de trabalhos produzidos no Brasil e no Japão. Em continuidade, produziu ensaios, realizou palestras que incluíam também a relação entre a ciência e a arte, inspirando e fortalecendo outros grupos de geógrafos nessa linha de pesquisa.

Como verdadeiro intelectual, Professor Carlos Augusto deixa muito mais do que método: deixa aspirações e exemplos. Aliás, ele nos deixa os três – método, aspirações e exemplos.

A excelência, a genialidade e a enorme dimensão de seu trabalho o credenciam como um dos grandes geógrafos brasileiros. Entretanto, ele não nos deixou uma obra pronta: pelo contrário, ele nos legou uma série de questionamentos, abrindo caminhos para o despertar de uma geografia que venha a contemplar as intrínsecas relações entre o homem e a natureza.

Inquestionavelmente, era um homem acima do seu tempo!

Neste momento do nosso encontro de hoje, peço licença a todos que aqui estão para me dirigir ao nosso homenageado.

Meu querido amigo e professor,

Sempre terei a lembrança de seu olhar – um olhar dos que não temem e têm a certeza do que pensam e dizem. Mas, sobretudo, lembrei de sua imagem caminhando nas rampas da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da USP, e quando me apresentava a seus alunos: “Esta moça deixou marido e filhas na Bahia para vir estudar aqui”.

Aos poucos, minha admiração foi crescendo, não só por ter tido essa grande oportunidade de ser sua aluna e orientanda, como por tomar conhecimento da sua extraordinária cultura, reconhecida por todos que tiveram o privilégio de conhecê-la. Relembro aqui, ainda, sua estada na Bahia, na Secretaria de Ciência e Tecnologia, onde cursos, conferências e orientações encantavam a todos que tiveram a oportunidade de ouvi-lo e trabalhar com o senhor. Entre seus amigos, preciso ressaltar a grande amizade de nossa saudosa Marilene Aouad, também sua aluna e orientanda na USP, que nunca foi esquecida pelo senhor.

Seus amigos (*in memoriam*) como o prof. Aziz Ab'Saber, o prof. Milton Santos, o prof. Manuel Correia, para citar apenas alguns, e os aqui presentes, como os professores Maria Adélia Aparecida de Souza, Armen Mamigonian, Francisco Mendonça, João Afonso Zavattini, entre tantos, o admiram e o respeitam pelo grande geógrafo que foi e pela sua cultura inestimável na ciência, na literatura e nas artes, de uma maneira geral.

Este encontro é de muita saudade e também de muita emoção para mim, lembrando do amigo fiel, uma pessoa que oferecia a todos que o procuravam – com firmeza e competência e, ao mesmo tempo, com suavidade e paciência – aquilo de que mais precisavam ouvir...

É dessa forma que o vejo sempre, meu querido professor. Aceite minha gratidão, meu carinho e o carinho de todos... E até o próximo Encontro...

## NOTAS DE AUTOR

### CONTRIBUIÇÃO DE AUTORIA

**Neyde Maria Santos Gonçalves** - Concepção e elaboração do manuscrito. Revisão e aprovação da versão final do trabalho.

**FINANCIAMENTO**

Não se aplica.

**CONSENTIMENTO DE USO DE IMAGEM**

Não se aplica.

**APROVAÇÃO DE COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA**

Não se aplica.

**CONFLITO DE INTERESSES**

Não se aplica.

**LICENÇA DE USO**

Este artigo está licenciado sob a [Licença Creative Commons CC-BY](#). Com essa licença você pode compartilhar, adaptar, criar para qualquer fim, desde que atribua a autoria da obra.

**HISTÓRICO**

Recebido em: 31-08-2023

Aprovado em: 03-04-2024